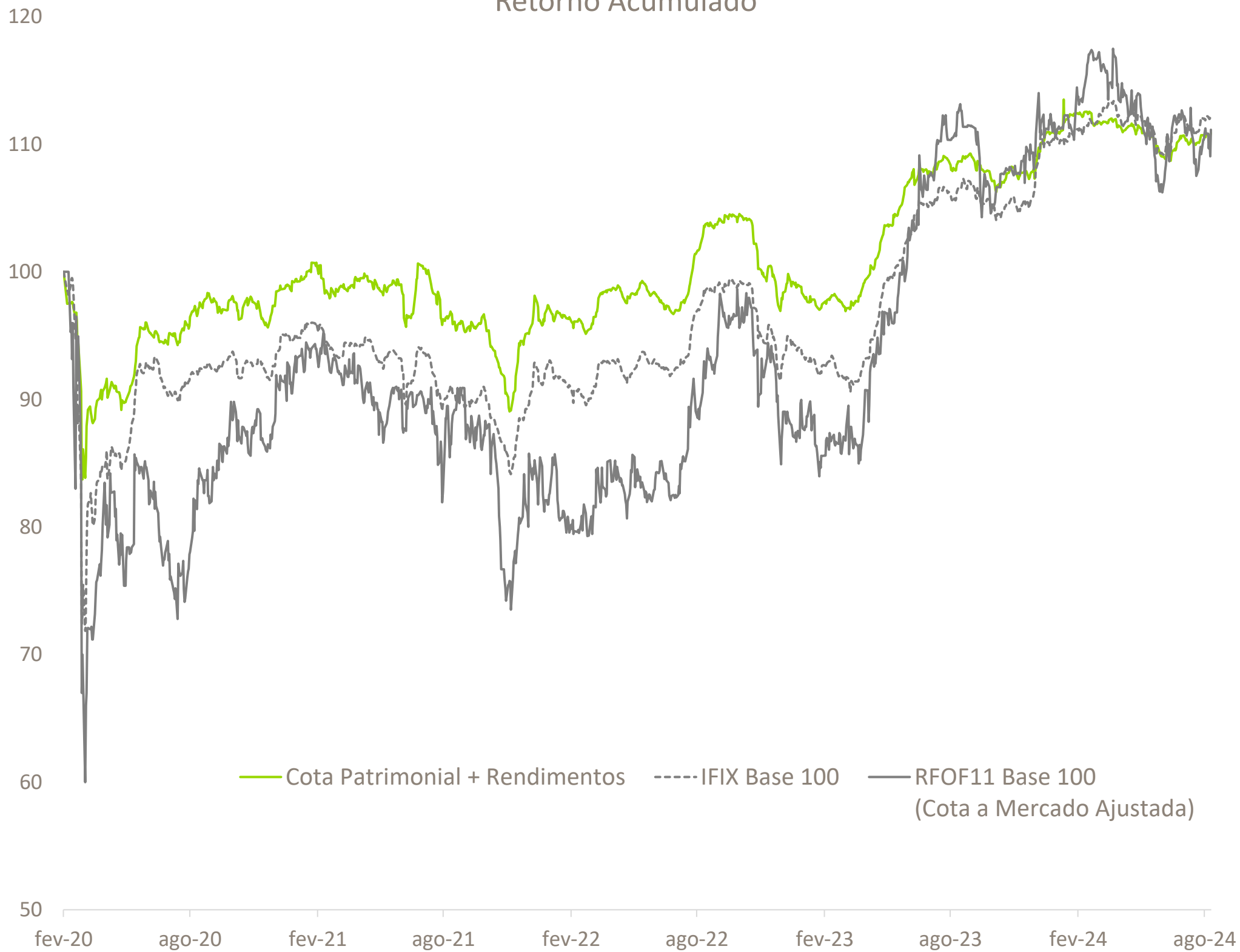




RELATÓRIO AO INVESTIDOR
RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FII
RFOF11 - SETEMBRO/24

Cota Patrimonial	Cota a Mercado	Valor Patrimonial (Milhões)	Rendimentos de Set/24	D.Y. Anualizada a preço de mercado
R\$ 74,64	R\$ 68,56	R\$ 80,5	R\$ 0,69/cota	12,1%

Retorno Acumulado



FONTE: RB ASSET

COMENTÁRIOS DO GESTOR

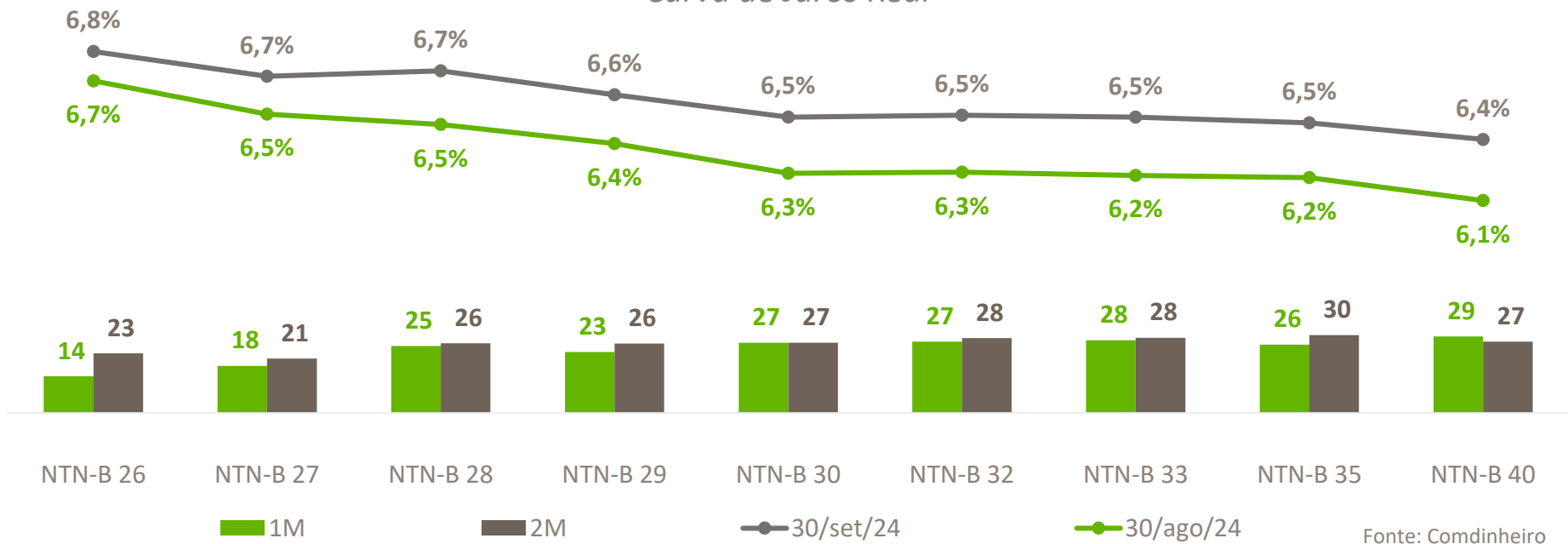
Breve Panorama Macroeconômico

O mês de setembro foi marcado pela decisão de políticas monetárias e por medidas de estímulo à economia chinesa. Conforme amplamente esperado pelo mercado, tivemos o primeiro corte de juros desse ciclo nos EUA (e em decisão quase unânime), assim como nova alta de juros no Brasil, por outro lado, o governo chinês divulgou um pacote de estímulos econômicos e monetários de forma a reaquecer a economia no país. Importante ressaltar que a tarefa de Jerome Powell à frente do Federal Reserve não é trivial, afinal, a última vez que o Fed cortou juros em 50 bps e as ações estavam em suas máximas históricas foi em 1986. Trazer a inflação para a meta de 2%, sem provocar uma recessão, torna-se uma tarefa árdua e com impactos globais. Resta neste último trimestre o acompanhamento da divulgação de novos dados nos EUA, de forma a dirimir (ou anular) as preocupações em relação à recessão, assim como observarmos a trajetória da inflação, em que é esperado arrefecimento. Ao longo do mês, as principais bolsas nos EUA tiveram novos recordes (S&P 500 cravou o seu 42º recorde no ano) e encerraram em nova alta, com Dow Jones acumulando alta de 1,85% (renovando recordes históricos ao longo do mês), S&P 500 (+2,02%) e o Nasdaq (+2,68%).

No cenário doméstico, o mês de setembro foi marcado novamente por saída de capital do investidor estrangeiro, com saldo negativo de R\$ 1,67 bilhão na bolsa brasileira, acumulando R\$ 28,23 bilhões de fluxo negativo em 2024. Tivemos um mês de volatilidade na curva de juros doméstica, com abertura tanto na ponta curta, diante de sinalizações de novas altas da taxa Selic por vir, como nos vértices longos, diante de renovadas preocupações com o deteriorado cenário fiscal. O mês ficou marcado pela volta da alta de juros (em 25 bps) pelo Copom em decisão unânime, assim como nova piora da percepção fiscal, após mais um mês de forte déficit primário das contas públicas. No cenário macroeconômico, tivemos como destaques melhora nas divulgações de dados inflacionários (melhor detalhado abaixo), assim como o dado de PIB do 2º trimestre acima do esperado, vendas no varejo confiança do consumidor e nova melhora na taxa de desemprego. Por outro lado, como destaques negativos tivemos produção industrial abaixo das expectativas e novo déficit do governo central, resultando em uma dívida pública bruta de 78,5% do PIB e reforçando temores em relação ao desconforto fiscal.

O IPCA de agosto apresentou queda de 0,02% e em 12 meses ficou em 4,24%, ligeiramente abaixo do teto da meta de inflação do BC para este ano. Já o IPCA-15 apresentou alta de 0,13% em setembro, abaixo das expectativas do mercado, acumulando alta de 4,12% em 12 meses. Porém, mercado já vê riscos altistas no curto prazo, diante da alta nos preços de energia elétrica e forte atividade econômica. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central, assim como nos meses anteriores, vem apresentando piora nas expectativas do mercado: a mediana das projeções do IPCA ao final de 2024 foi para 4,37% (de 4,26% há 4 semanas), para 2025 (de 3,92% para 3,97%) e estabilidade para 2026 (para 3,60%) e 2027 (3,50%). Outrossim, após revisões das previsões da taxa Selic, no final de 2024 houve ajustes para 11,75% (de 10,50%), com ajuste para final de 2025 saindo de 10,00% para 10,75%, piora para 2026 (de 9,00% para 9,50%) e manutenção dos patamares para 2026 e 2027.

Curva de Juros Real

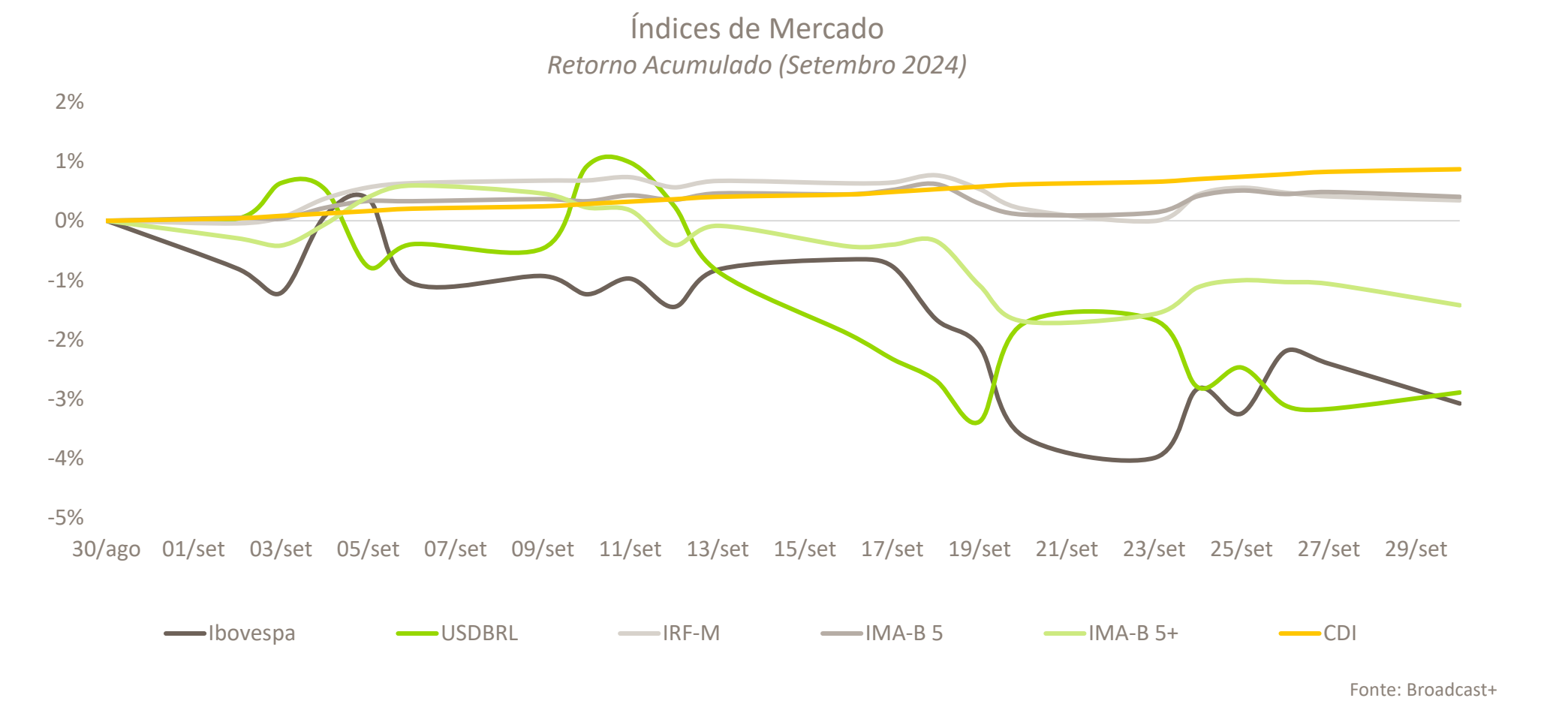


Em linha com a crescente preocupação com o cenário fiscal e diante de sinalizações de novas altas da taxa Selic, a curva de juros real doméstica registrou abertura em todos os seus vértices no mês de setembro. Os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam, respectivamente, 0,40% e -0,67%.

No cenário internacional, o principal destaque ficou para decisão do Fed, apesar de ser uma aposta majoritária do mercado, o corte de 50 bps em decisão quase unânime (11 de 12 dirigentes). Ainda tivemos acompanhamento dos indicadores econômicos nos EUA, em especial os dados de inflação e mercado de trabalho, assim como de atividade econômica. Dados como PIB do 2º trimestre em linha com o esperado, reduzindo temor de recessão no país, assim como o PCE ligeiramente abaixo das expectativas foram as principais divulgações. A grande dúvida agora reside na incerteza quanto ao tamanho e extensão do ciclo de corte de juros, além da velocidade a ser imprimida neste ciclo. O consenso atual indica que teremos mais 2 quedas de juros de 25 bps nas reuniões este ano. Ademais, o cenário eleitoral ainda reforça cenário de incertezas, assim como o acirramento das tensões no Oriente Médio e Ucrânia podendo trazer ventos desfavoráveis ao cenário geopolítico global. Na Europa, tivemos manutenção da política monetária pelo BCE, assim como dados de vendas no varejo, produção industrial e indicadores de inflação em linha com estimativas.

Na China, tivemos um mês como grande destaque por conta da série de estímulos para a economia (maior desde a crise de 2008), com cortes de taxas de juros, incentivos a recompras de ações e suporte fiscal, além da transferência de renda direta. Em relação à agenda de divulgação de indicadores econômicos, novamente vieram mistos, com dados como PMIs, vendas no varejo e produção industrial ligeiramente abaixo das estimativas. Por outro lado, tivemos nova divulgação da balança comercial melhor do que o esperado, com destaque para melhora nas exportações, compensando pela redução nas importações. Em relação às *commodities*, o petróleo apresentou nova queda em setembro, diante de temores indicando que a Arábia Saudita planeja aumentar sua produção em dezembro, incrementando nível de oferta em um cenário de baixa demanda global. Já o minério de ferro, que vinha apresentando fortes perdas em decorrência de preocupações em torno da desaceleração econômica chinesa, teve forte recuperação no final do mês e encerrou setembro negociado a US\$ 117,17/ton.

No cenário doméstico tivemos um cenário misto, com realização de lucros na renda variável e melhor mês para o real desde junho de 2023. O Ibovespa apresentou uma queda de 3,08% em setembro, encerrando aos 131.816 pontos, voltando ao território negativo em 2024, com queda de 1,77%. Já o dólar encerrou o mês em baixa de 3,30%, negociado a R\$ 5,45, reduzindo em parte a valorização da moeda americana em 2024, marcado por uma alta acumulada de 12,25%. As principais contribuições para este movimento foram comentários de Powell implicando em cortes de juros menos agressivos, com perda do ímpeto do dólar globalmente, assim como medidas de estímulos na China, beneficiando moedas de países emergentes e exportadores.



Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

O mês de setembro ficou marcado por forte queda de 2,58%, com IFIX tendo o pior mês desde novembro de 2022. Desta forma, no acumulado do ano o IFIX virou para o território negativo, em -0,16%. Com isso, tivemos um alinhamento entre o desempenho do IFIX com o Ibovespa, que, conforme supracitado, apresentou queda de 3,1% no mês diante de novas preocupações com cenário fiscal, assim como impactado pelo retorno do ciclo de altas pelo BC na taxa Selic, primeiro aumento desde agosto de 2022.

Como mencionado no mês anterior, a expectativa do mercado em relação à elevação da taxa de juros no Brasil se concretizou. O mês de setembro marcou o início de um novo ciclo de aumento, com a taxa subindo 25 bps para 10,75%, conforme promovido pelo COPOM. A decisão foi baseada em indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho que revelaram uma atividade acima do potencial (evidenciado pelo hiato do produto), além de destacar uma assimetria altista nos riscos associados à expectativa da inflação futura.

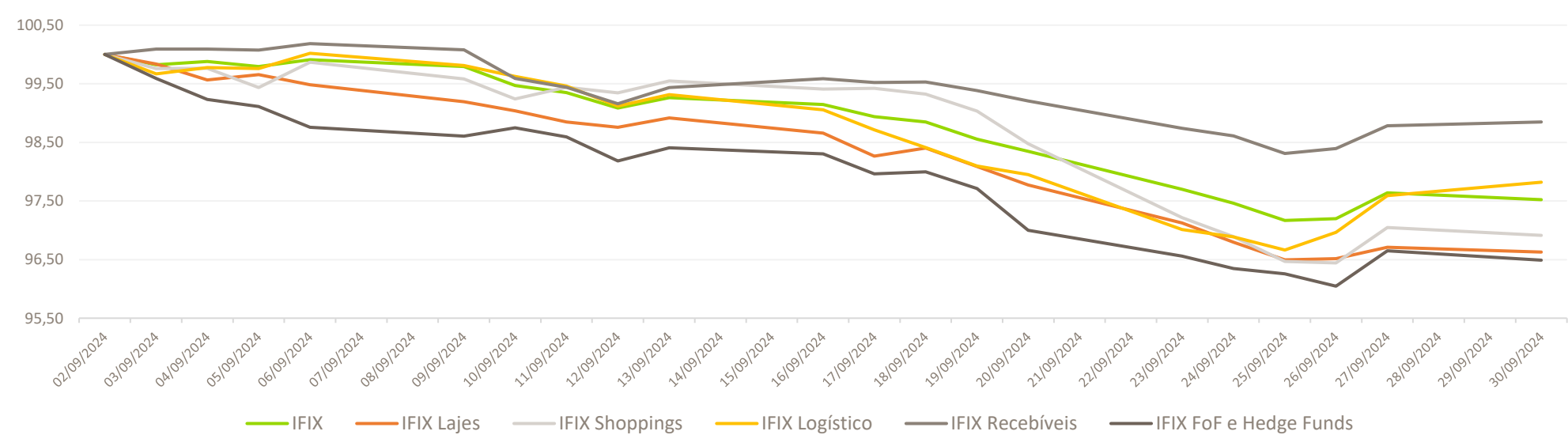
Observando ciclos anteriores de aperto monetário, inferimos que há correlação negativa entre a taxa de juros no Brasil e o IFIX, sendo uma das explicações a maior atratividade dos investimentos em renda fixa e maior competitividade, por outro lado, fundos de recebíveis (“papel”) tendem a apresentar menor sensibilidade ao ciclo de alta da Selic.

Em linha com o que comentamos no relatório do mês anterior, o possível aumento na taxa de juros promovido pelo COPOM tendem a impactar negativamente investimentos imobiliários, especialmente os Fundos Imobiliários (FIIs). Vimos isso se concretizando no mês de setembro, quando os Fundos Imobiliários passaram por uma expressiva depreciação, com destaque para a classe de ativos de tijolo e de fundo de fundos (FoF), a qual, historicamente, demonstra maior sensibilidade em ciclos de elevação das taxas de juros. Nesse contexto, recomendamos que os investidores continuem a considerar FIIs em suas carteiras diante dos grandes descontos que os FIIs apresentam, porém, priorizando aqueles com ativos que possuam contratos de locação longos e inquilinos sólidos. Essa estratégia não apenas proporciona maior segurança em um ambiente de juros elevados, mas também pode oferecer uma renda mais estável e previsível ao longo do tempo, além de contar com a proteção natural contra inflação.

Como apresentado no gráfico abaixo, em comparação com os FIIs de outros setores que compõem o IFIX, os FIIs de FoFs e *Hedge Funds* apresentaram a pior rentabilidade no mês. Essa performance desfavorável pode ser atribuída ao beta mais elevado desses fundos, que os torna mais sensíveis às oscilações do mercado em relação a outros setores incluídos no IFIX. O *beta* dos FoFs de FIIs pode ser superior ao de outros setores quando analisado em relação ao IFIX devido a diversas características inerentes a sua estrutura. Primeiramente, a alocação em ativos líquidos como fundos imobiliários proporciona uma volatilidade agregada mais alta - principalmente comparado aos ativos de tijolo, que os ativos são remarcados uma vez ao ano, uma vez que a performance de diferentes setores pode oscilar de maneiras distintas em resposta a fatores de mercado. Além disso, a exposição a setores mais voláteis aumenta a sensibilidade do beta, refletindo uma maior propensão a flutuações econômicas. A gestão ativa dos FOFs, que implica na rotação frequente de ativos em busca de oportunidades de arbitragem, também contribui para um comportamento mais volátil em comparação com fundos que adotam estratégias de investimento passivas. Por fim, a sensibilidade dos FOFs ao ciclo econômico, especialmente em contextos de elevações nas taxas de juros, torna seus retornos mais suscetíveis a variações macroeconômicas, resultando em um *beta* elevado.

Um problema adicional que os FOFs enfrentam nesse cenário de desvalorização dos ativos é a dificuldade de realizar o giro da carteira. Diante da queda observada nas cotações dos ativos, o potencial de ganho de capital proporcionado pela gestão ativa dos FOFs torna-se mais complicado de ser atingido, em parte porque os preços médios nas carteiras podem estar elevados. No entanto, essa desvalorização das cotas de mercado dos FIIs também oferece oportunidades atraentes de compra no mercado secundário, apresentando preços de entrada baixos e um *upside* potencial de valorização elevado para o médio e longo prazo. Já no curto prazo, ao longo do atual ciclo de alta de juros, acreditamos que os fundos de recebíveis devem trazer a melhor relação risco-retorno, sendo a melhor performance do mês de setembro.

Desempenho IFIX Setembro 2024



FONTE: RB ASSET

Análise Patrimonial

Demonstrativo de Receitas, Despesas, Rendimentos e Rentabilidade.

O Fundo distribuiu R\$ 0,69/cota como rendimento referente ao mês de setembro de 2024, aos titulares detentores de cotas ao final do dia 30 de setembro.

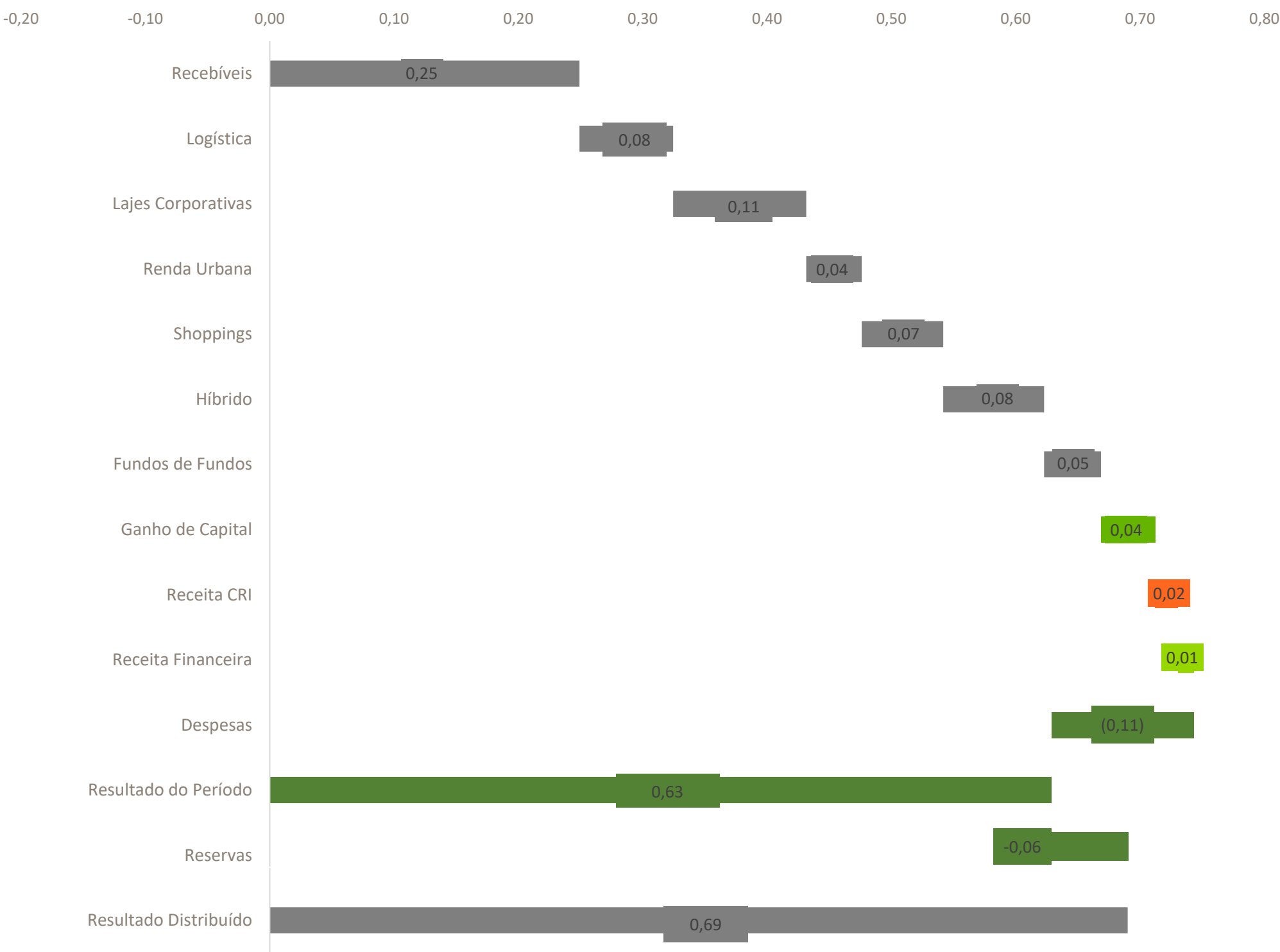
A distribuição de rendimentos aos cotistas é calculada de acordo com o resultado apurado sob regime de caixa do FII em cada mês. Abaixo segue tabela contendo as receitas e despesas do FII.

O gráfico abaixo decompõe a distribuição dos R\$ 0,69 por segmento alocado.

O resultado gerado pelo fundo no período foi de R\$ 0,63/cota.

Haverá isenção do Imposto de Renda Retido na Fonte e na Declaração de Ajuste Anual das Pessoas Físicas com relação aos rendimentos distribuídos pelo Fundo ao Cotista pessoa física, desde que observados, cumulativamente, os seguintes requisitos: (i) o Cotista pessoa física não seja titular de montante igual ou superior a 10% (dez por cento) das Cotas do Fundo; (ii) as respectivas Cotas não atribuírem direitos a rendimentos superiores a 10% do total de rendimentos auferidos pelo Fundo; (iii) o Fundo receba investimento de, no mínimo, 50 (cinquenta) Cotistas; e (iv) as Cotas, quando admitidas a negociação no mercado secundário, sejam negociadas exclusivamente em bolsas de valores ou mercado de balcão organizado.

Composição dos Dividendos de Setembro/24



FONTE: RB ASSET

Portfólio Gerencial

Em relação à composição da carteira do RFOF11, o fundo finalizou o mês de setembro/2024 com 93,6% dos seu ativos alocados em cotas de fundos de investimento imobiliários (FII).

Carteira Gerencial - Patrimônio Por Tipo de Estratégia	30/09/2024
Recebíveis	R\$ 23.922.010
Lajes Corporativas	R\$ 15.431.012
Logístico	R\$ 8.895.578
Renda Urbana	R\$ 8.305.740
Híbrido	R\$ 7.912.427
Shoppings	R\$ 6.891.091
Fundos de Fundos	R\$ 5.972.400
CRI	R\$ 2.001.811
Caixa	R\$ 3.301.831
Total Ativos	R\$ 82.633.901

FONTE: RB ASSET

Na abertura por número de fundos investidos, o RFOF11 finalizou o mês de setembro com posição em 57 Fundos Imobiliários e 1 CRI.

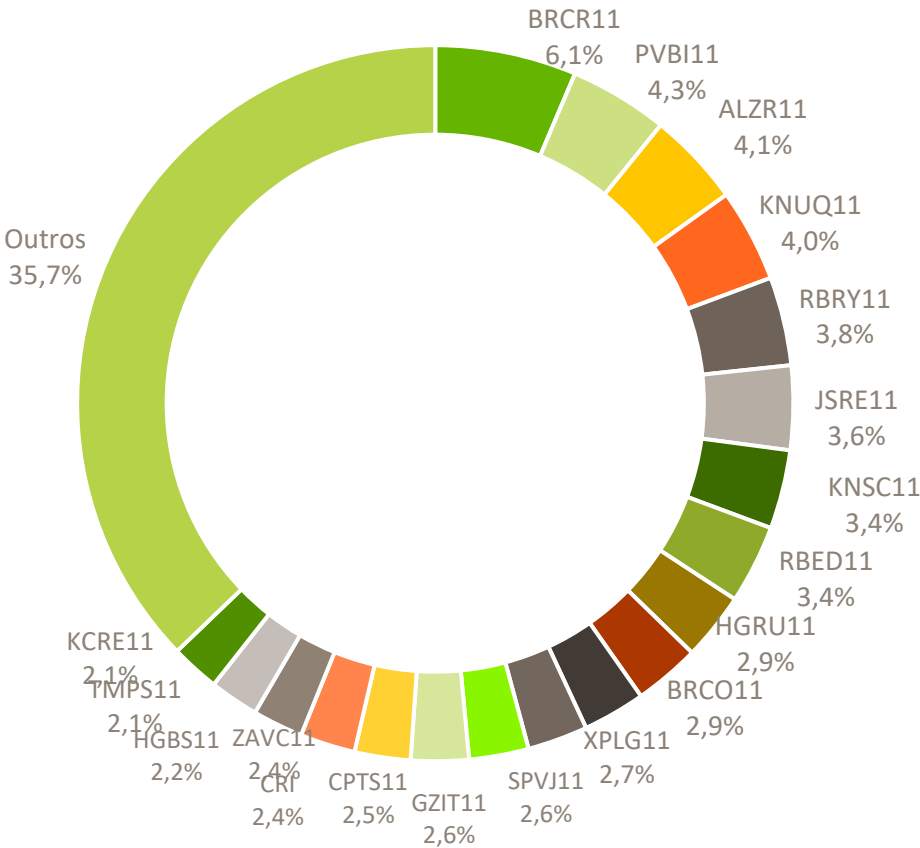
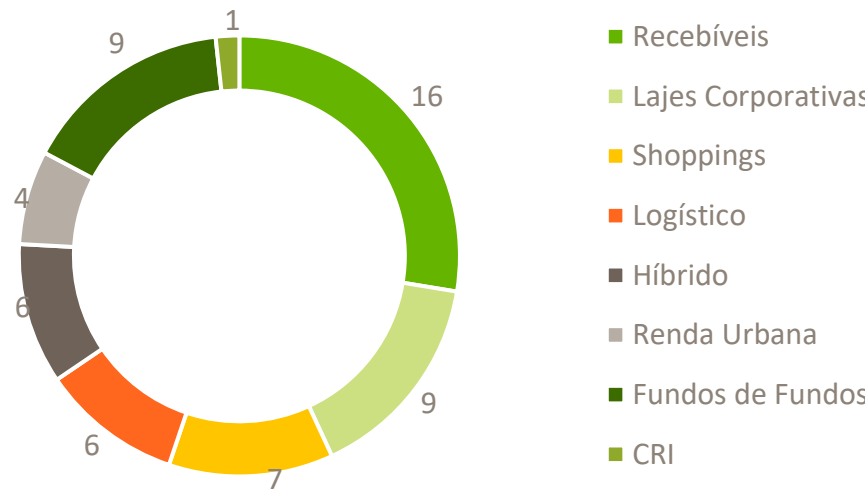
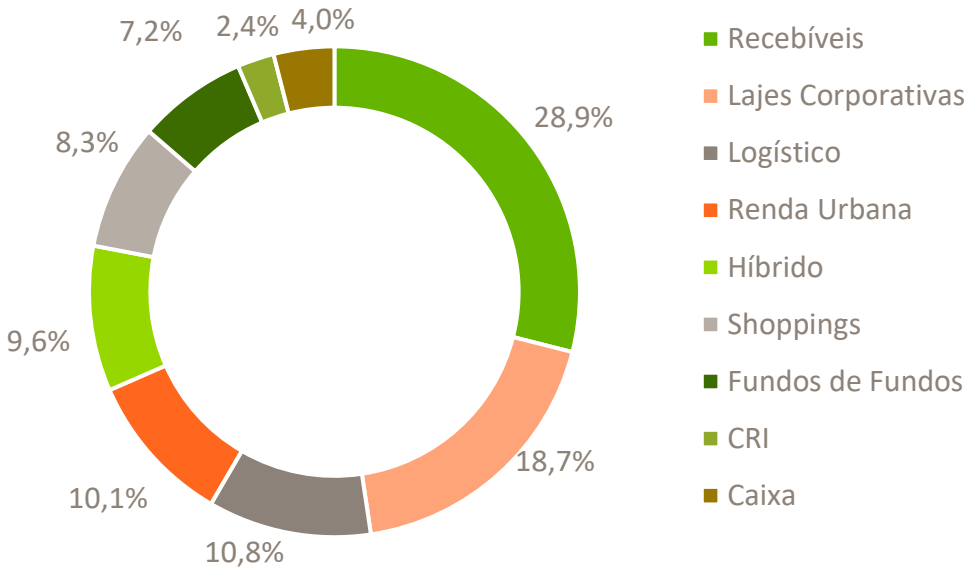
Carteira Gerencial - Número de Fundos Por Tipo de Estratégia	30/09/2024
Recebíveis	16
Lajes Corporativas	9
Shoppings	7
Logístico	6
Híbrido	6
Renda Urbana	4
Fundos de Fundos	9
CRI	1
Total de Ativos	58

FONTE: RB ASSET

Em relação à composição da carteira do RFOF11 por Fundo, destacamos que a maior exposição do fundo ao final de setembro possuía 6,1% do total de ativos. Seguimos apostando na diversificação como principal ferramenta de diluição de riscos.

Exposição por FII - Patrimônio Alocado	Segmento	30/09/2024 ⁽¹⁾
BRCR11	Lajes Corporativas	6,1%
PVBI11	Lajes Corporativas	4,3%
ALZR11	Híbrido	4,1%
KNUQ11	Recebíveis	4,0%
RBRY11	Recebíveis	3,8%
JSRE11	Lajes Corporativas	3,6%
KNSC11	Recebíveis	3,4%
RBED11	Renda Urbana	3,4%
HGRU11	Renda Urbana	2,9%
BRCO11	Logístico	2,9%
XPLG11	Logístico	2,7%
SPVJ11	Renda Urbana	2,6%
GZIT11	Shoppings	2,6%
CPTS11	Recebíveis	2,5%
CRI	CRI	2,4%
ZAVC11	Recebíveis	2,4%
HGBS11	Shoppings	2,2%
TMPS11	Fundos de Fundos	2,1%
KCRE11	Recebíveis	2,1%
Outros	-	35,7%

Obs: A tabela considera apenas a posição investida em Fundos Imobiliários. Ou seja, aplicações financeiras, dos recursos em caixa não são contempladas em “Outros” na tabela acima. Por conta disso os valores não somam 100%
Fonte: RB ASSET ⁽¹⁾. Percentuais calculados com base no Valor Patrimonial do RFOF11

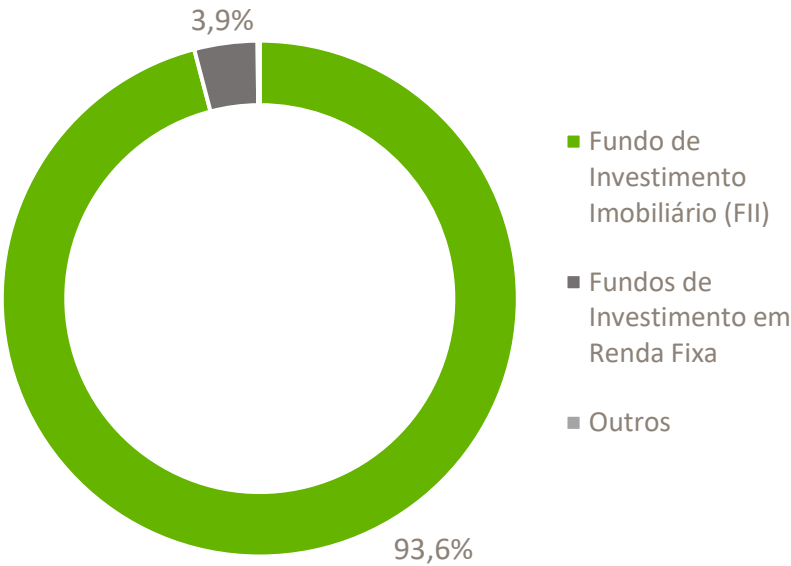


Portfólio Oficial

Carteira Oficial do RFOF11, com base nas informações divulgadas pelo administrador, BRL Trust DTVM.

Carteira Oficial	30/09/2024	30/09/2024 ⁽¹⁾
Ativos do Fundo:		
Fundo de Investimento Imobiliário (FII)	R\$ 77.330.258,47	93,6%
Fundos de Investimento em Renda Fixa	R\$ 3.189.865,59	3,9%
Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI)	R\$ 2.001.811,25	2,4%
Letras de Crédito Imobiliário (LCI)	-	-
Letra Imobiliária Garantida (LIG)	-	-
Outros	R\$ 111.965,30	0,1%
Ativo Total	R\$ 82.633.901	100,0%

Passivos do Fundo:	
Despesas Administrativas	R\$ 1.374.478,23
Rendimentos a Distribuir	R\$ 743.933,16
Aquisição de Ativos	R\$ 0,00
Taxas e Impostos	R\$ 13.233,67
Passivo Total	R\$ 2.131.645
Patrimônio Líquido	R\$ 80.502.256



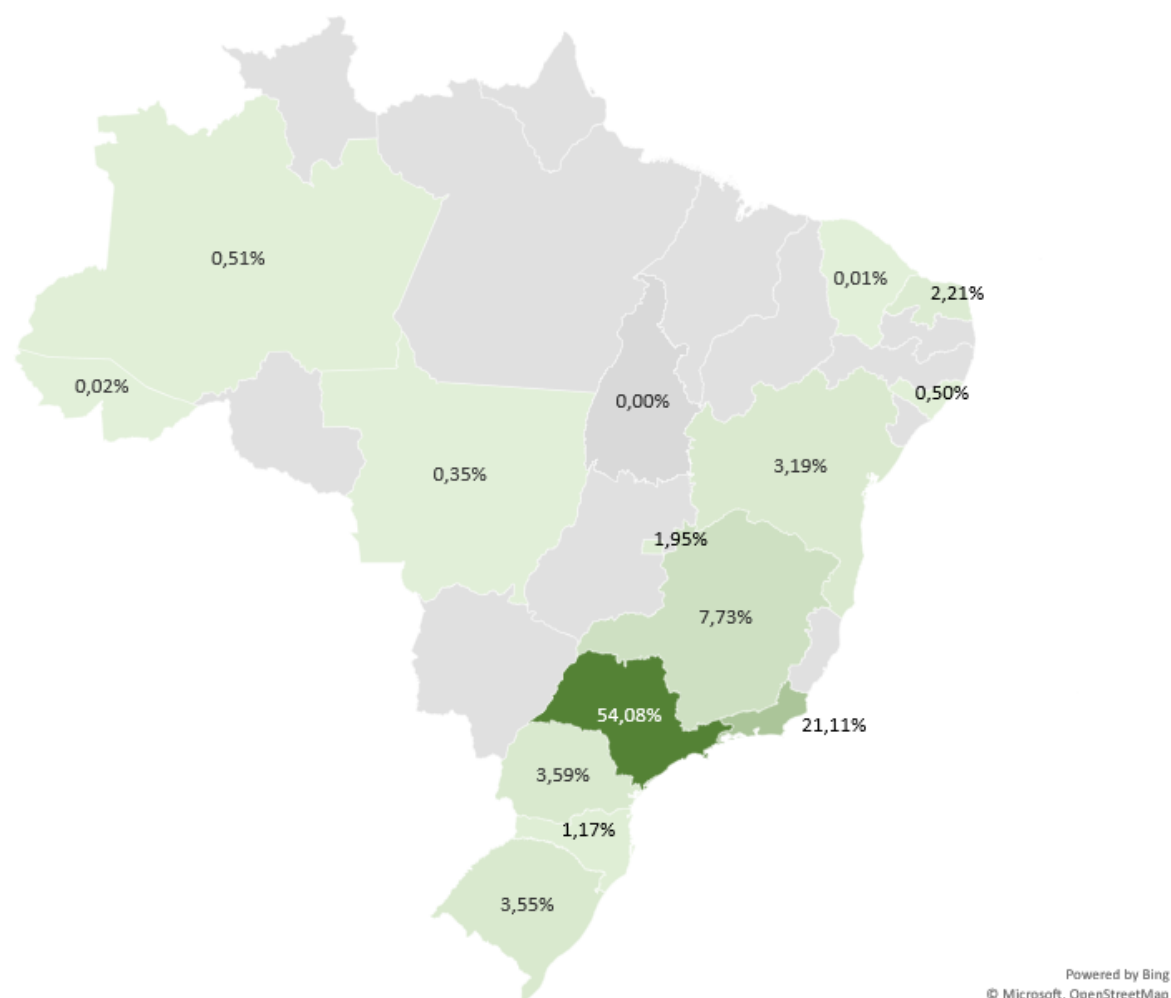
Fonte: BRL TRUST

(1) Os valores apresentados em FII e Fundos de Investimento em Renda Fixa estão sendo aqui divididos pelo Total de Ativos do Fundo, e não pelo Patrimônio Líquido, como nos gráficos anteriores. Ou seja, não são líquidos dos passivos e provisões que o Fundo possui. Esta é a forma puramente contábil de visualização.

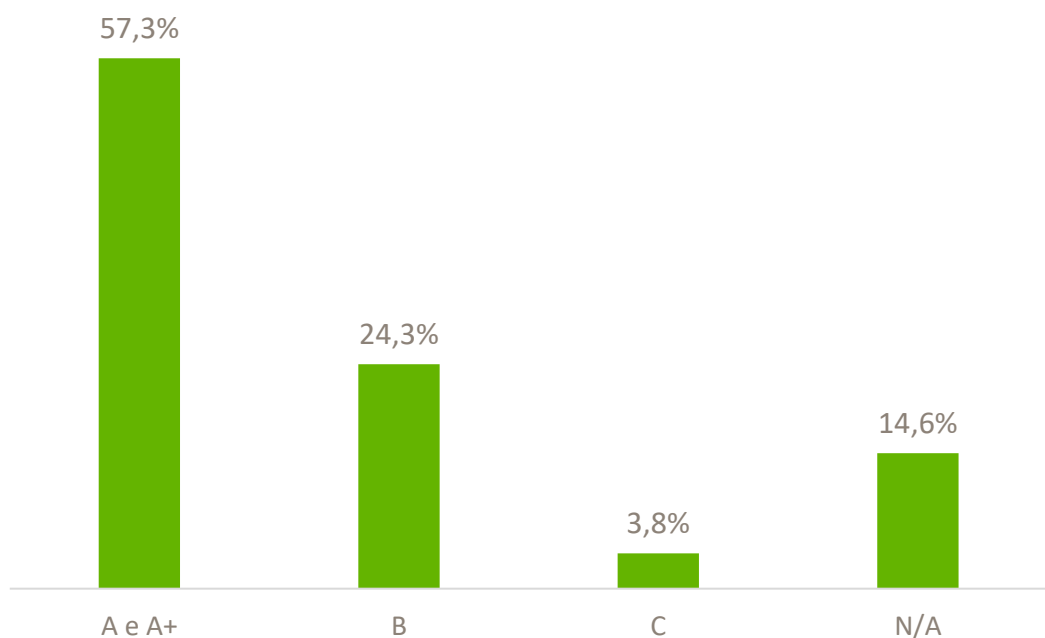
Estratégia RFOF11

O portfólio do RFOF11 segue diversificado setorialmente, distribuídos em 57 fundos, com maior exposição no estado de São Paulo e com foco em ativos de alta qualidade.

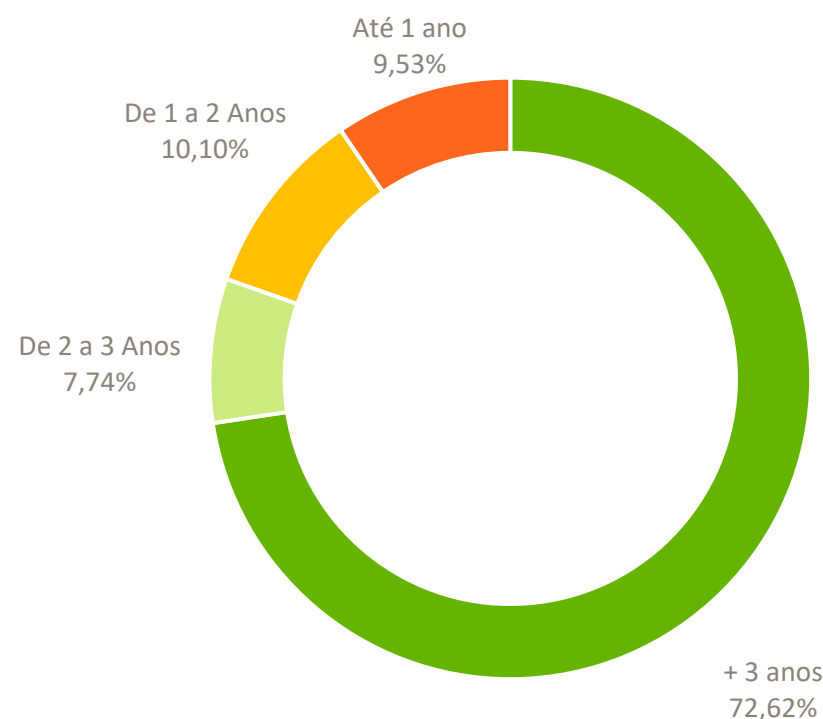
Em relação ao total investido, 57,4% dos FIIs do RFOF11 são considerados “tijolo” (FIIs que possuem e gerem os próprios imóveis). Deste percentual, 57,3% dos imóveis são edifícios de alta qualidade técnica, classificados entre A e A+ pela consultoria imobiliária SiiLA Brasil. Por região, 54,1% do total dos imóveis está localizado no estado de São Paulo. Os contratos são bastante diversificados, reduzindo o risco de concentração e 72,6% deles possuem mais de três anos de prazo até o vencimento, trazendo maior previsibilidade dos rendimentos futuros. No contexto do mercado de FIIs, decidimos reduzir o rendimento do mês para R\$ 0,69 por cota, prevendo um menor ganho de capital devido à dificuldade de giro da carteira. Vale ressaltar que, ainda possuímos R\$ 1,07/cota de reservas acumuladas no fundo que não distribuímos, permitindo um maior controle de distribuição recorrente de dividendos mesmo em situações adversas do mercado.



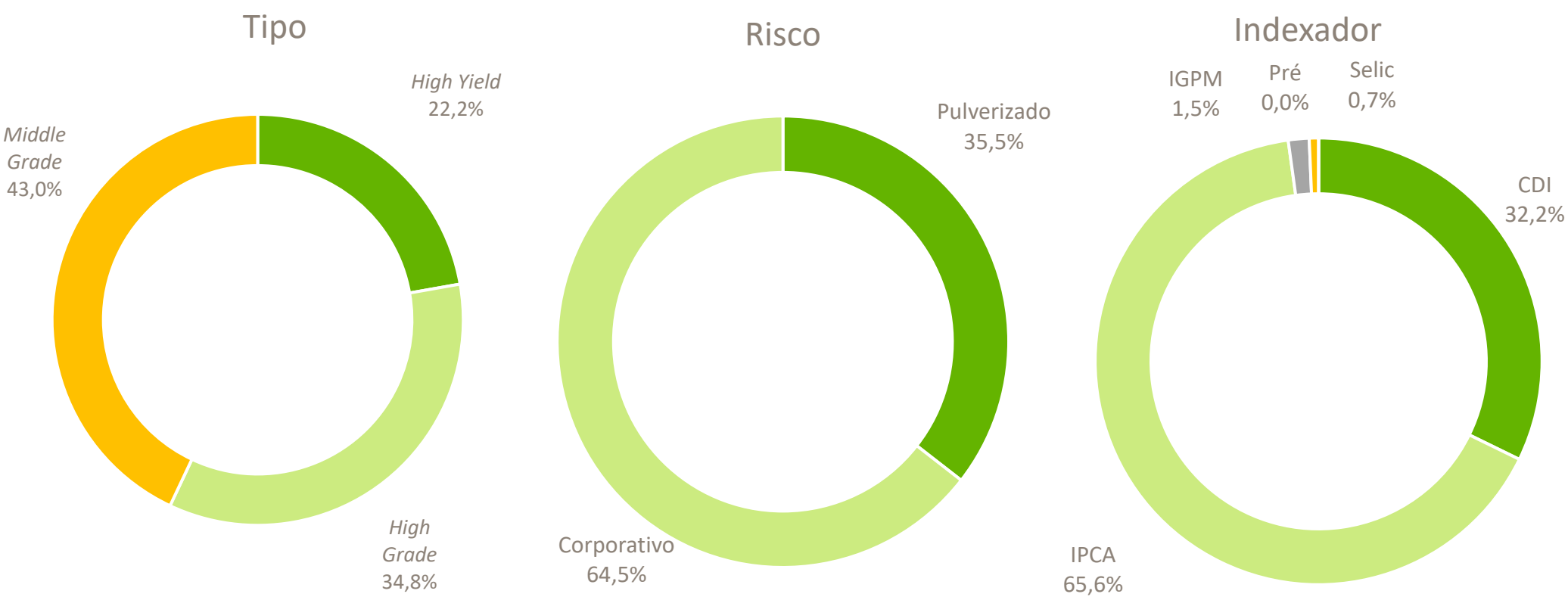
Classificação dos ativos imobiliários



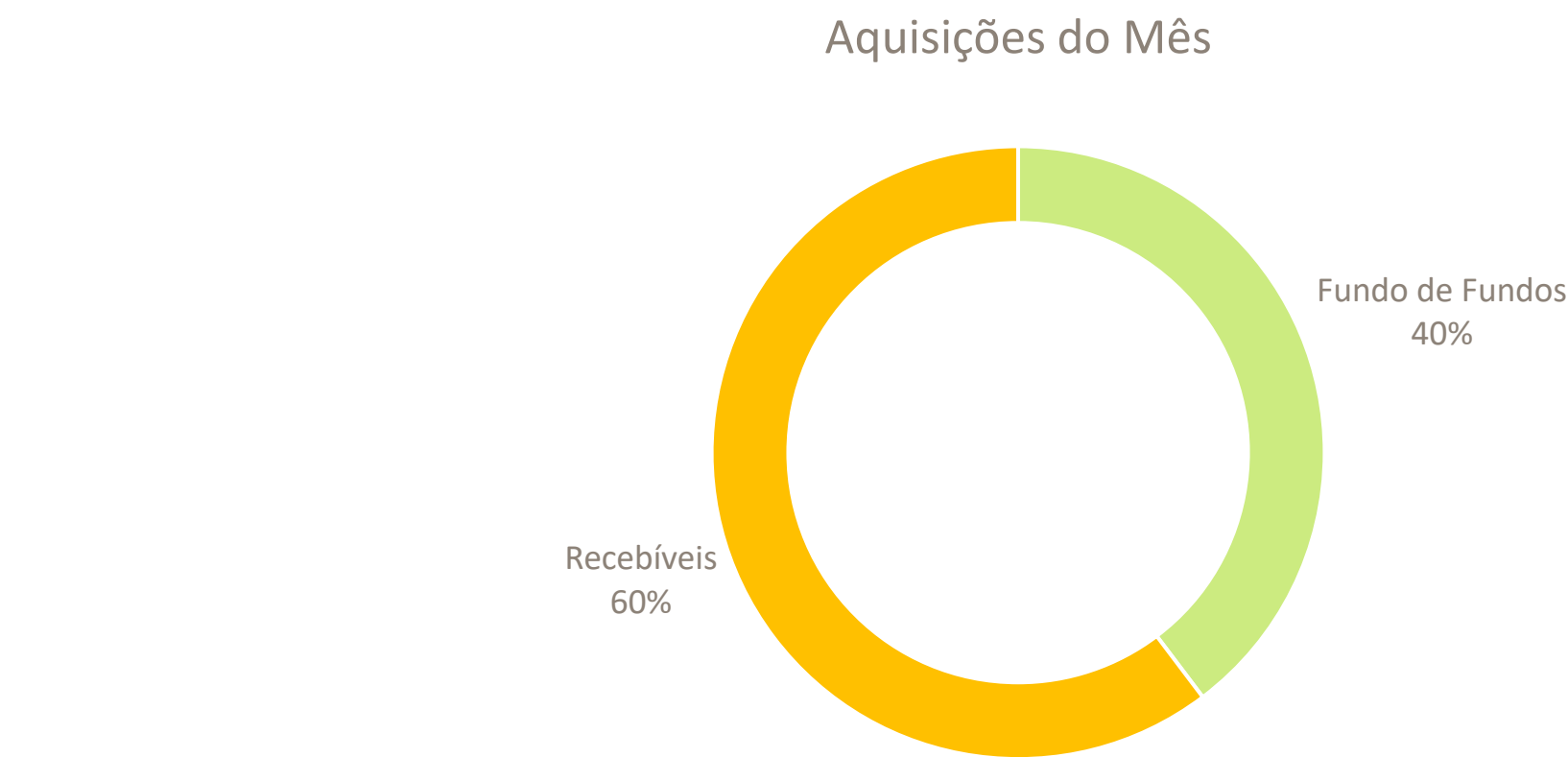
Prazo de contratos



Os FIs de Recebíveis imobiliários compõem 28,9% do total investido, sendo que 34,8% dessa exposição está alocado em fundos de CRI *high grade* e 64,5% com exposição ao risco corporativo, considerados os mais resilientes do setor. Em relação aos indexadores dos FIs de CRI, a estratégia do fundo é manter uma alocação equilibrada entre CDI e IPCA, no intuito de proteger o portfólio tendo em vista a manutenção da taxa Selic em patamares elevados no curto prazo e a inflação nos próximos meses.



Diante do cenário atual e com o aumento da taxa Selic para 10,75%, decidimos aumentar nossa exposição em recebíveis e Fundos de Fundos (FoFs) neste mês. Focamos em ativos com uma tese de investimento *high grade*, buscando aproveitar o prêmio de risco no patamar atual. Investir em Certificados de Recebíveis Imobiliários (CRI) pode ser vantajoso, especialmente no cenário de aumento das taxas de juros. Além disso, entramos na oferta da 5ª emissão do HGRU11, que adquiriu um portfólio de imóveis com contratos atípicos de longa duração. Esse tipo de contrato pode ser benéfico em um cenário de elevação das taxas de juros, pois oferece maior previsibilidade de fluxo de caixa futuro e ajuda a mitigar riscos associados à alta da inflação.

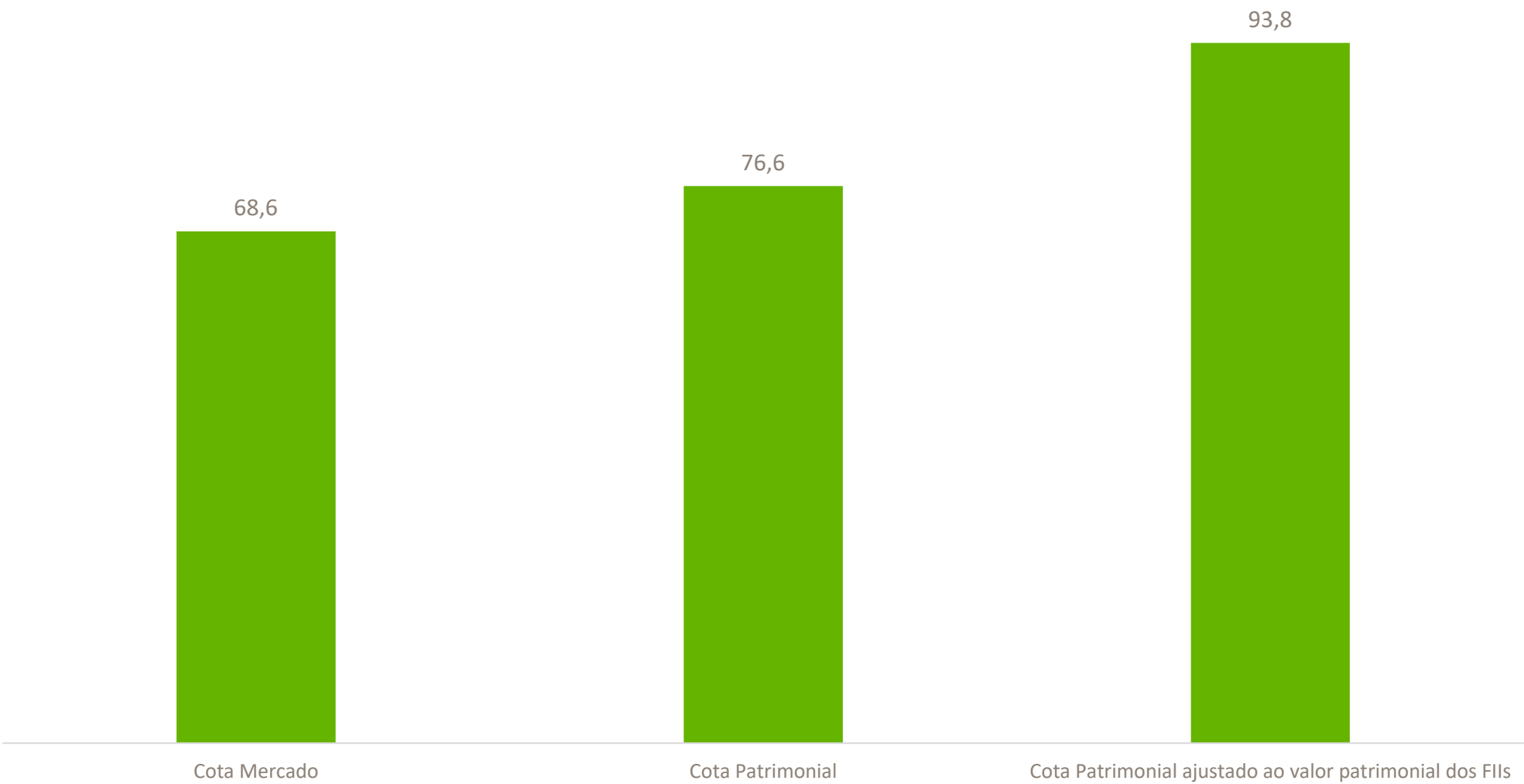


Duplo desconto:

Investir em Fundos de Fundos (FoFs) oferece vários benefícios. Primeiro, esses fundos são geridos por especialistas que realizam análises detalhadas e negociações estratégicas, garantindo uma gestão eficiente. A diversificação é outro ponto forte, pois ao investir em um FoF, o investidor tem acesso a uma ampla gama de ativos, reduzindo o risco associado a um único ativo ou setor. Além disso, os FoFs proporcionam acesso a investimentos exclusivos que não estão disponíveis para o mercado geral. A gestão ativa permite a implementação de estratégias que otimizam o desempenho do fundo. Um diferencial importante dos FoFs é o "duplo desconto": além de obter um desconto sobre o valor de mercado do FoF, o investidor também se beneficia dos descontos dos fundos subjacentes na carteira.

Muitos FoFs estão investindo em FIIs de tijolo, que estão negociando a preços descontados. Adquirir FIIs de tijolo com imóveis de qualidade em regiões centrais a desconto já representa uma boa oportunidade, e fazer isso através de um FoF com desconto oferece um "duplo desconto". No entanto, é importante notar que os FoFs têm custos mais elevados, pois cobram taxas de administração tanto para o FoF quanto para os FIIs subjacentes. Além disso, como o FoF de FII é um investidor indireto, está mais exposto a variações diárias. Ainda assim, todos os FIIs possuem um lastro imobiliário real, seja de tijolo ou de papel.

Análise do Duplo Desconto



FONTE: RB ASSET

FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO – RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS (RFOF11)

Demonstrativo de Resultados

	setembro/2024
VALOR DA COTA PATRIMONIAL DE FECHAMENTO	74,64
QUANTIDADE DE COTAS DO FUNDO	1.078.164
VALOR PATRIMONIAL DO FUNDO	R\$ 80.475.057,18

Mês/Ano	setembro/2024	agosto/2024	julho/2024	Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾
(A) RECEITA ADVINDA DA ALOCAÇÃO EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS	R\$ 767.845	R\$ 914.951	R\$ 743.015	R\$ 42.077.858
RENDIMENTO	R\$ 720.918	R\$ 721.762	R\$ 695.343	R\$ 35.775.175
GANHO DE CAPITAL	R\$ 46.927	R\$ 193.189	R\$ 47.672	R\$ 6.302.683
(B) RECEITA DE CRI	R\$ 13.747	R\$ 10.449	R\$ 10.938	R\$ 236.825
(C) RESULTADO IMOBILIÁRIO	R\$ 781.592	R\$ 925.400	R\$ 753.953	R\$ 42.314.683
(D) RECEITA DAS APLICAÇÕES FINANCEIRAS	R\$ 19.933	R\$ 27.873	R\$ 23.297	R\$ 1.166.641
(E) DESPESA OPERACIONAL	-R\$ 123.340	-R\$ 130.092	-R\$ 120.391	-R\$ 4.653.116
(F) OUTRAS RECEITAS / DESPESAS	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 38.653
RESULTADO CAIXA TOTAL	R\$ 678.185	R\$ 823.182	R\$ 656.858	R\$ 38.866.862
(G) AJUSTE NA DISTRIBUIÇÃO	-R\$ 65.749	R\$ 57.685	-R\$ 108.638	R\$ 1.080.250
RESULTADO A SER DISTRIBUÍDO TOTAL	R\$ 743.933	R\$ 765.496	R\$ 765.496	R\$ 37.786.611
(H) RENDIMENTOS ANUNCIADOS POR COTA	R\$ 0,6900	R\$ 0,7100	R\$ 0,7100	R\$ 35,0472

Fonte: BRL Trust
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

Liquidez

Histórico de negociações das cotas do FII RFOF11 juntamente com o volume negociado.

NEGOCIAÇÕES	set/24	ago/24	Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾
Presença em pregões	21	22	367
Volume negociado	R\$ 1.719.379	R\$ 2.692.315	R\$ 192.482.604
Média de volume negociado diariamente	R\$ 81.875	R\$ 122.378	R\$ 524.476
Número de cotas negociadas	24.786	37.912	2.523.842
Giro (% do total de cotas)	2,30%	3,52%	231,72%

Fonte: B3
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

INFORMAÇÕES GERAIS DO FUNDO

Razão Social	RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII
CNPJ	34.027.774/0001-28
Código de Negociação (Ticker)	RFOF11
Código ISIN	BRRFOFCTF001
Início do Fundo	20/02/2020
Gestor	RB CAPITAL ASSET MANAGEMENT LTDA
Administrador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Escriturador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Custodiante	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Auditor	PRICEWATERHOUSECOOPERS Auditores Independentes
Taxa de Administração	0,8% ao ano sobre o Patrimônio Líquido do Fundo.
Taxa de Performance	20% (vinte por cento) sobre o que exceder a variação do IFIX
Prazo do Fundo	Indeterminado
Liquidez do Fundo	Fundo Fechado
Público Alvo	Investidores em Geral
Negociação das Cotas	B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão
Encerramento do Exercício Social	31-dez
Mercado de Negociação de Cotas	B3
Entidade administradora de Mercado Organizado	BM&FBOVESPA
Objetivo do Fundo	Investimento em Ativos Imobiliários para geração de renda
Classificação Autorregulação	Mandato: Títulos de Valores Imobiliários Segmento de Atuação: Fundo de Fundos Tipo de Atuação: Ativa

Características Gerais e Políticas de Investimentos

RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII (RFOF11), constituído sob a forma de condomínio fechado em fevereiro de 2020, tem por objetivo a obtenção de renda e ganho de capital mediante investimentos em Ativos Imobiliários. Dentre os Ativos Imobiliários, o Fundo deverá buscar investir parcela preponderante de seus recursos em cotas de outros fundos de investimento imobiliário.

Em sua primeira emissão de cotas, encerrada em 21 de fevereiro de 2020, o fundo captou o montante de R\$ 107.816.400,00. O preço de emissão das Cotas no âmbito da Oferta, na data de emissão das Cotas, foi de R\$ 100,00 (cem reais) por Cota. O objetivo principal da gestão, no RFOF11, está na construção de um portfólio de Fundos Imobiliários diversificado, com exposição à diversos segmentos e gestores, de forma a mitigar riscos decorrentes da concentração em um único fundo ou setor imobiliário.

Para realizar estes investimentos no fundo, a equipe de gestão da RB CAPITAL ASSET conta com detalhado processo de investimento e governança, baseado em comitês formais de aprovações construídos ao longo de seus 20 anos de experiência.